

Produtores orgânicos e a sustentabilidade.

Organic farmers and sustainability.

SÁ, Marcelo Alexandre de¹; GONÇALVES, Eder Borba²; SOUZA, Vitória Augusta Braga de³; LAPOLLI, Édis Mafra⁴

1 M. Sc, UFSC, Florianópolis/SC – Brasil, marcelon8@gmail.com; 2 M.Sc, UFSC, Florianópolis/SC – Brasil, eder.bg@gmail.com ;3 Dra, UFSC, Florianópolis/SC – Brasil, vitbraga@hotmail.com 4 Dra., UFSC, Florianópolis/SC – Brasil

RESUMO: O desenvolvimento socioeconômico e o acesso à informação e conhecimento despertaram os consumidores para importância da manutenção da saúde por meio de uma alimentação saudável e a promoção, de forma consciente, de processos produtivos sustentáveis. A conquista de uma vida longa e produtiva aliada à produção baseada em princípios éticos é uma tendência que está refletindo no aumento da demanda por produtos orgânicos. Para entender o comportamento de produtores frente a essas mudanças realizou-se pesquisa com o objetivo de analisar a percepção de aspectos da sustentabilidade, na ótica de produtores orgânicos da região da Grande Florianópolis - SC. Para tanto, foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo para análise dos dados coletados em campo, por meio de entrevista semiestruturada aplicada a produtores orgânicos. A pesquisa evidenciou que na percepção dos produtores, os aspectos ambientais da sustentabilidade têm maior relevância. Ficou evidente também que aspectos econômicos, relacionados às exigências impostas pelo mercado e baixa valor pago aos produtores orgânicos têm se tornado um entrave para a expansão e sustentabilidade da atividade.

PALAVRAS-CHAVE: Produção Orgânica. Sustentabilidade. Discurso do Sujeito Coletivo.

ABSTRACT: Socioeconomic development and access to information and knowledge awakened consumers to the importance of maintaining health through healthy eating and promoting, consciously, of sustainable production processes. The conquest of a life long-lived and productive coupled with production based on ethical principles is a trend that is reflected in the increased demand for organic products. To understand the behavior of producers facing these changes took place research with the aim of analyzing the perception of aspects of sustainability, from the viewpoint of organic producers in the region of Florianópolis - SC. For this, we used the technique of the Collective Subject Discourse for analysis of the collected data through semi-structured interviews applied to organic producers. The research showed that the perception of producers, environmental aspects of sustainability have greater relevance. It also became evident that economic aspects related to the demands imposed by the market and low price paid to organic producers have become an obstacle to the expansion and sustainability of the activity.

KEY WORDS: Organic Production. Sustainability. Collective Subject Discourse.

Correspondências para: marcelon8@gmail.com

Aceito para publicação em 23/04/2014

Introdução

Nas atuais relações de produção e consumo de alimentos no mundo, um fator passou a ganhar destaque e importância: a sustentabilidade, que envolve a atenção a aspectos econômicos, sociais e ambientais, tanto de produtores como de consumidores. Nesse contexto de mudanças estão inseridos os produtores de alimentos orgânicos, os quais precisam conhecer e incorporar valores intangíveis a seus produtos, associando a estes novos conceitos como 'sustentabilidade' e 'desenvolvimento sustentável'.

A forma como os produtores orgânicos percebem e incorporam tais conceitos em seus processos produtivos e em seus produtos tende a ser um importante fator na conquista de consumidores com crescente nível de informação e exigência. Esses consumidores buscam produtos diferenciados, produzidos em estabelecimentos que preservam os recursos naturais e adotam princípios éticos nas etapas da cadeia produtiva.

Borguini e Torres (2006) estimam que 90% dos produtores orgânicos no país são classificados como agricultores familiares e são responsáveis por 70% da produção orgânica. Esses produtores estão ligados a associações e grupos de movimentos sociais, com maior expressão na região sul do país. Os 10% restantes são representados por grandes produtores vinculados a empresas privadas, com concentração na região sudeste.

Ao analisarmos o lado do consumidor, é possível verificar que o mercado de produtos orgânicos está em franca expansão no mundo todo. Dados da IFOAM (2007)¹ registram que a área mundial de produção de produtos da agricultura de base ecológica em 2007 foi de 50 milhões de ha, sendo que destes, 30,5 milhões de ha referem-se às áreas cultivadas, distribuídos em aproximadamente 634 mil unidades de produção. Outros 20 milhões de ha compreendem áreas extrativistas.

Em todo o mundo, a estimativa é que os

produtos orgânicos movimentem cerca de US\$ 60 bilhões por ano. O mercado dos alimentos orgânicos vem crescendo mais rapidamente que o mercado tradicional. O incremento também se verifica no mercado brasileiro e deve elevar o faturamento do setor de R\$ 500 milhões em 2010, para R\$ 700 milhões durante o ano de 2011 (NASCIMENTO et al., 2009). Por outro lado, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (BRASIL, 2007) destaca que o mercado mundial de produtos orgânicos movimentou US\$ 26,5 bilhões no ano de 2004, dos quais apenas US\$ 100 milhões couberam ao Brasil, ou seja, menos de 0,4%.

Segundo Abreu et al. (2009), com base em dados da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), o crescimento anual médio do setor de produtos orgânicos é de 30% e existe uma forte demanda do mercado externo, especialmente da parte de Japão, Estados Unidos e União Europeia. Na Biofach 2007, a mais importante feira de produtos certificados do mundo, mais de 40 empresas brasileiras do setor estiveram na Alemanha com o apoio da Apex-Brasil e fecharam negócios na ordem US\$ 36,4 milhões para os doze meses seguintes, superando a previsão inicial de US\$ 20 milhões.

Apesar do crescimento desse mercado, os orgânicos no Brasil têm encontrado espaço em nichos regionais relativamente restritos e de consumidores com poder aquisitivo alto. Porém, nos últimos anos esses produtos vêm tomando impulso e atraído o interesse das grandes redes de supermercados, que buscam fornecer um produto diferenciado e saudável, conquistando e fidelizando clientes.

Em Santa Catarina, pesquisa realizada pela Epagri (2012) localizou 603 produtores orgânicos, os quais destinavam 3.850 ha à atividade em 138 municípios catarinenses. Entre as regiões do estado com maior número de produtores, estavam o Litoral Sul Catarinense, com 126 e o Extremo Oeste Catarinense, com 117. A pesquisa indagou

também o valor comercializado dos principais produtos orgânicos nas regiões pesquisadas. Destacou-se no quesito valor comercializado a região da Grande Florianópolis com um total de R\$ 4,098 milhões, e o Litoral Sul, com R\$ 2,732 milhões. O valor total da produção dos principais produtos comercializados no estado somou R\$ 12,656 milhões no ano pesquisado.

Com o intuito de identificar aspectos da sustentabilidade na perspectiva de produtores orgânicos da região da grande Florianópolis realizou-se a presente pesquisa que busca responder a pergunta: Quais aspectos da sustentabilidade são reconhecidos e considerados mais importantes pelos produtores orgânicos?

Produção orgânica, um contexto em mudança

O planeta Terra e os elementos da natureza sempre tenderam a uma situação de equilíbrio. Durante milhares de anos a civilização humana conviveu em equilíbrio com a natureza, onde todos os resíduos gerados eram considerados orgânicos e “reciclados” pela própria natureza. Quando a maioria dos povos deixou a vida nômade e começou a se fixar em um só lugar, iniciou-se a formação de aldeias com concentração de habitantes, o que estabeleceu novos hábitos e culturas coletivas.

Com o crescimento das aldeias e do número de habitantes foi necessário que uma nova relação fosse constituída, passando nossos ancestrais a cultivar a terra e domesticar animais para produzir alimentos para seu clã. Conforme Dalrymple (1968) e Olinger (1996), assim se iniciou a atividade agrícola, que se expandiu e se especializou ao longo dos tempos, produzindo alimentos para uma população que crescia exponencialmente. Nas últimas décadas a agricultura e a pecuária se tornaram atividades especializadas, executadas por uma população rural cada vez menor e com uso intensivo dos recursos naturais, o que tem

gerado efeitos indesejados como a degradação do ambiente e a poluição.

Assim, a agricultura moderna e intensiva foi o meio utilizado pelos países para garantir maior oferta de produtos alimentares e matéria prima para setor industrial. A tecnologia utilizada neste modo de produção preconiza o uso de substâncias químicas para adubação do solo e controle de infestações de pragas e doenças, no entanto, ao longo dos anos estas práticas geraram problemas de degradação ambiental e contaminação dos alimentos, além da intoxicação de produtores.

Mesmo antes do advento da moderna agricultura, Rudolf Steiner, no início do século passado, já se preocupava com a relação homem-ambiente, quando fundou a antroposofia e a agricultura biodinâmica².

Porém, foi no final dos anos 60 na Itália que se iniciou o movimento mundial que incorporou questões ambientais ao processo de desenvolvimento. Esse movimento deu origem ao Clube de Roma, que reuniu um grupo de países para discutir o futuro do planeta, e elaborou o documento intitulado “Limites do Crescimento” onde, pela primeira vez foi utilizado o conceito de Desenvolvimento Sustentável, definido como:

“aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades. Ele contém dois conceitos-chave: o conceito de necessidades, sobretudo as necessidades essenciais dos pobres do mundo, que devem receber a máxima prioridade; a noção das limitações que o estágio da tecnologia e da organização social impõe ao meio ambiente, impedindo-o de atender às necessidades presentes e futuras. (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991, p. 46)”.

A partir dos anos 1970, no auge da era industrial, a ideia de que a geração de resíduos e poluentes era uma consequência inevitável dos processos industriais foi sendo suplantada. Uma nova visão, ligada à utilização econômica de recursos, passou a considerar a produção de resíduos como custo econômico no longo prazo, representando desperdício de matéria prima, água e energia. Com os questionamentos do modelo de crescimento econômico novas estratégias começaram a ser desenvolvidas, buscando melhoria da sua eficiência e das relações com o meio ambiente.

O setor agrícola também passou a dar importância a formas de produção mais alinhadas aos preceitos da sustentabilidade, sendo estas conhecidas pela denominação genérica de agricultura alternativa. A Agricultura Orgânica foi uma destas formas e pode ser definida como um sistema de produção que busca reduzir ao mínimo o impacto ambiental não comprometendo a eficiência da meta produtiva. A orientação normativa desse processo de produção é gerar alimentos em um sistema que seja ambientalmente equilibrado, economicamente viável e socialmente justo (CAPORAL; COSTABEBER, 2007) Conceito preconizado por Elkington (1999), onde a sustentabilidade refere-se à qualidade dos processos produtivos, que busca os resultados econômico, ambiental e social (“triple bottom line” - TBL).

Diversas denominações são utilizadas para identificar sistemas produtivos baseados em práticas orgânicas, biológicas ou naturais, designadas genericamente como agricultura alternativa.

“A agricultura orgânica faz parte do conceito amplo de agricultura alternativa, o qual é composto de outras correntes, tais como agricultura natural, agricultura biodinâmica,

agricultura biológica, agricultura ecológica. Todas essas correntes adotam princípios semelhantes [...] (CAMPANHOLA; VALARINI, 2001)”.

As diversas correntes da agricultura alternativa têm em comum a utilização de práticas agrícolas sustentáveis como: a reciclagem de resíduos e materiais presentes na propriedade, compostagem de resíduos vegetais e de esterco animal, uso de rochas moídas para a correção da fertilidade do solo, cobertura vegetal morta (plantio direto), diversificação e integração de explorações vegetais e animais, uso de biofertilizantes, controle biológico de pragas e doenças das plantas sem o uso de agrotóxicos, entre outras (CAMPANHOLA; VALARINI, 2001).

O processo de modernização da agricultura e de industrialização no campo foi acompanhado de concentração da produção e de exclusão de produtores. As economias emergentes como o Brasil, dada à escassez de recursos, não podem lançar mão de subsídios agrícolas para mitigar as consequências deste processo, como o fazem os países ricos. Entre as alternativas para o desenvolvimento da agricultura familiar neste contexto estão as oportunidades criadas pelas mudanças no mercado de alimentos, caracterizadas pela demanda por produtos diferenciados, com identidade territorial e cultural, produtos promotores da saúde, e o crescimento do mercado institucional (PAA e PNAE³) para alimentos orgânicos, entre outros.

Observa-se um crescimento da demanda por produtos alimentares diferenciados, por serem naturais ou produzidos organicamente ou por estarem ligados à cultura e tradição locais. Devido ao maior acesso a informação também houve uma ampliação da preocupação pelos consumidores com a origem dos produtos alimentares, especialmente pela presença de resíduos tóxicos e

aspectos relacionados a saúde. Assim, o consumo de produtos orgânicos tem aumentado o que provoca mudanças na produção, no armazenamento, distribuição e em sua comercialização (DETONI et al., 2005).

Na produção orgânica, devido à tecnologia empregada, garante-se maior saúde aos consumidores e produtores, devido a não utilização de agrotóxicos ou insumos sintéticos e ao processo de produção, sustentável ao longo do tempo por utilizar tecnologias de pouco ou nenhum impacto sobre o meio ambiente (INSTITUTO CEPA, 2004a).

Constituem também importantes razões do crescimento do mercado de produtos orgânicos em todo o mundo, o pânico provocado por eventos relacionados à segurança alimentar como as crises da vaca-louca na Europa, das dioxinas na Bélgica, a resistência dos consumidores aos alimentos transgênicos, ou, mais recentemente, o impacto da gripe aviária na Ásia.

No Brasil a legislação que regulamenta a produção de produtos orgânicos é muito recente, tendo sido criada há menos de dez anos. Segundo a Lei n.º 10.831, de 23/12/2003 (BRASIL, 2003), no seu artigo 1º:

“Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo, a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não renovável empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento,

distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente.”

Pesquisas empíricas constataam a necessidade de criação de novas relações mercantis entre os atores da cadeia de produção orgânica, desde os que produzem tais produtos, até os que os comercializam e os que adquirem para consumo. As novas relações passam por formas de comercialização diferenciadas, como a venda direta ao consumidor e a busca de cadeias curtas de comercialização, como alternativas à estrutura convencional de comercialização. Este comportamento é apontado por Instituto CEPA:

“Isto decorre das premissas de que a agricultura orgânica não implica somente a transformação da base tecnológica, mas também a modificação nas formas de circulação, distribuição, comercialização e o consumo. Assim, os envolvidos têm exercitado diversas formas de organização do mercado dos orgânicos, no sentido de buscar alternativas ao modelo concentrador e excludente que predomina na cadeia convencional dos produtos agroalimentares (INSTITUTO CEPA, 2004b, p. 10).”

Diante destes recentes desafios, produtores e consumidores buscam alternativas em meio a um mercado estruturado para produtos de consumo de massa que demonstra ser inadequado para novas formas de relação de produção e consumo, baseadas na qualidade e confiança, como é o caso dos produtos orgânicos. Assim, nas duas pontas da cadeia há indicativos da necessidade de gerar mais conhecimento e organização, tendo como pano de fundo a sustentabilidade.

Metodologia

Para analisar a percepção dos produtores orgânicos sobre os aspectos da sustentabilidade utilizou-se o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

cujos fundamentos foram desenvolvidos na década de 1990, com base na teoria da representação social. Lefèvre e Lefèvre (2005) defendem que:

“O pensamento de uma coletividade em relação a determinado tema é considerado como o conjunto de discursos ou formações discursivas, ou representações sociais existentes na sociedade e na cultura sobre esse tema, do qual, segundo a ciência social, os sujeitos lançam mão para se comunicar, interagir, pensar (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p.16).”

É uma técnica de análise quali-quantitativa aplicada a uma pesquisa em que a coletividade é levada a expressar, como se representasse um só indivíduo, os sentimentos em relação a alguma coisa ou evento. Os autores supracitados assim justificam o caráter qualitativo e quantitativo da técnica do discurso do sujeito coletivo:

“Com efeito, considerando-se o quadro da pesquisa empírica, o pensamento, materialmente falando, isto é, como matéria significativa, é um discurso, e sendo esse discurso um resultado previamente desconhecido (pela pesquisa empírica) a ser obtido indutivamente, tal pensamento apresenta-se, indubitavelmente, como uma variável qualitativa, ou seja, como um produto a ser qualificado a posteriori, como output, pela pesquisa. Mas sendo esse pensamento coletivo, configura-se também como uma variável quantitativa, na medida em que tem de expressar as opiniões compartilhadas por um quantitativo de indivíduos, que configuram a coletividade pesquisada (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p. 518).”

Segundo os mesmos autores o DSC tem por

base a teoria da representação social.

“Através do modo discursivo, é possível visualizar melhor a representação social na medida em que ela aparece não sob uma forma (artificial) de quadros, tabelas e categorias, mas sob forma (mais viva e direta) de um discurso, que é, como se assinalou, o modo como os indivíduos reais, concretos pensam (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 19-20).”

O discurso do sujeito coletivo é um procedimento de tabulação de depoimento verbais, cuja finalidade é analisar o material coletado por meio de entrevistas semiestruturadas com questões abertas, extraindo-se de cada uma das entrevistas as ideias centrais e/ou ancoragens e suas expressões-chave. O discurso do sujeito coletivo é discurso-síntese, escrito na primeira pessoa do singular, como se fosse fala ou depoimento de uma coletividade (LEFÈVRE et al., 2000).

O DSC pode ser composto de um ou mais relatos que apresentam um sentido singular que, sob uma forma discursiva, refletem os pensamentos e os valores associados a um dado tema, presentes em uma dada formação sócio cultural, e em um dado momento histórico.

Procedimentos Metodológicos

Segundo Taylor e Bogdan (1997), antes mesmo de ir a campo, os pesquisadores

“iniciam suas atividades com inúmeras perguntas em mente, eles permitem que temas venham a emergir antes de abordar linhas específicas”.

É indicada a elaboração de um roteiro para as entrevistas com um primeiro tema mais amplo e genérico, que não seja uma pergunta direta ou

específica.

“Os pesquisadores formulam perguntas que permitem as pessoas falarem sobre como pensam ou como conceituam determinados assuntos sem, contudo, forçá-los a responder seus interesses principais.” (TAYLOR; BOGDAN, 1997).

Assim, observados os cuidados para estruturar e realizar a entrevista definiu-se o seguinte roteiro com questões abertas:

- Fale sobre a Produção orgânica: descreva a sua vivência com a forma de produção, passando pela fase inicial da produção orgânica, até os dias atuais.
- Aspectos ambientais: quais serão as relações entre as práticas agrícolas e meio ambiente?
- Aspectos sociais: você pode falar sobre a relação dos aspectos sociais e a produção orgânica?
- Aspectos econômicos: qual a situação do mercado para produtos orgânicos?
- Fale o que entende por sustentabilidade.

As questões norteadoras foram utilizadas como roteiro guia, não sendo necessariamente explicitadas ao entrevistado na sua forma e conteúdo.

O grupo pesquisado foi formado por cinco produtores orgânicos, sendo três deles proprietários de empresas que produzem e comercializam produtos em supermercados, feiras e restaurantes, e outros dois produtores membros de uma Associação de Produtores Orgânicos, que também atua na produção e comercialização de produtos na grande Florianópolis.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Para o tratamento dos dados, empregou-se o método do Discurso do Sujeito Coletivo, sendo utilizadas as três figuras metodológicas

preconizadas: a Ideia Central, a Expressão Chave e a Ancoragem.

Resultados e discussão

A primeira questão proposta buscou identificar a experiência dos produtores com as práticas da produção orgânica, sua vivência e dificuldades na cadeia de produção e comercialização.

Assim entramos na associação com nove famílias, começamos a enfrentar barreiras, porque mudar de uma atividade pra outra assim de um dia pro outro não foi muito fácil, [...] e ficamos só três. Então desde 1997 eu estou na atividade, então eu vinha preparando esse terreno desde 1997, hoje já estamos em 2012, isso dá 15 anos. Por isso é que eu digo, sozinho eu não consigo chegar no mercado. E tudo isso foi que a gente começou a olhar que é esse o caminho, se queríamos ficar aqui nesse lugar, tínhamos que fazer uma coisa diferente. Iniciamos plantando frutas, [...] quando nós compramos isso aí, eu já tinha ideia de voltar a minha origem, sou de uma colônia chamada Fortaleza, no RS, meu pai lá, plantou frutas e cebola, daí eu queria voltar. E então o orgânico, eu fui saber disso, meu Deus, saber de orgânico depois dos 30 anos, eu não sabia o que era coisa orgânica, para mim era coisa comum que se plantava. Inicialmente eu tinha o objetivo de plantar uvas e fazer vinho. Começou assim, a gente começou a viajar, primeiro fomos descobrir como produzia mudas, uvas vinícolas. No início as uvas tinha que passar veneno sim, nós não fazíamos como devia, há vários anos a gente desistiu disso e disse pode morrer tudo, as que sobreviveram se adaptaram bem. Hoje a gente não passa mais nada, só poda e põe esterco e serragem podre. A gente recuperou esta terra também. No segundo ano já deu para perceber que a terra estava

melhorando.

DSC 1 – Percebeu-se que todos os produtores enfrentaram dificuldades para iniciar e dar continuidade a produção orgânica. Tais dificuldades, apresentadas em seus discursos, foram oriundas de falta de conhecimento prático (tácito) e técnico sobre o processo de produção e exigências de condições de solo, clima e disponibilidade de variedades adaptadas à produção orgânica, como se apresenta no discurso: “a dificuldade é assim, [...]a gente quando vai começar uma parte em orgânico, mudar a atividade, a gente não tem uma propriedade pronta pra isso, existe um desequilíbrio na propriedade”. Estas dificuldades levaram a desistência de produtores que participavam dos grupos, o que enfraqueceu a oferta de produtos ao mercado. Na questão relacionada à opção pela produção orgânica, identifica-se também a presença do discurso de mudança de vida, um desejo de maior contato com a natureza de algumas famílias ou a necessidade da mudança devido aos riscos à saúde, ocasionados pelo manuseio de agrotóxicos.

A segunda questão propôs uma abordagem sobre os aspectos ambientais relacionados às práticas agrícolas utilizadas pelos produtores, obtendo-se as expressões a seguir selecionadas.

Eu não consigo conceber o uso de venenos no fundo de uma casa, que pode contaminar a água, a água que seus filhos irão beber. Mas infelizmente as questões econômicas sobrepõem às questões ambientais, o mercado dita as regras. Nós produzimos produtos efetivamente saudáveis, que não envenenam as pessoas. Olhe, eu vejo assim, a nossa comunidade hoje ela é APA (área de proteção ambiental) [...] aqui sai a água pra cidade, que abastece lá em Florianópolis. Tu sabes que

nós estamos dentro do parque aqui (da Serra do Tabuleiro) vai ter a APA aqui. É porque nós aqui estamos na nascente do Rio Pilões, que abastece a capital, está envolvido ministério publico e a comunidade aqui tem responsabilidade com isso, de manter as águas. A gente vai ter que melhorar, ter mais família pra produzir de forma orgânica ou ecológica, roteiro de turismo, fazer pequenas agroindústrias, no plano de manejo ambiental a gente discutiu muito isso, ta tudo planejado. Bem próximo do início da nossa mata, a água era bem fraquinha (nascente), hoje tá mais forte. Porque não está mais o gado entrando ali, nós fechamos para não pisotear, nós estamos deixando a mata se recuperar ali, plantamos árvores nativas dentro da mata, tem palmito crescendo, então a água nasce, para ali na mata e vai descendo aos poucos.

DSC 2 – A percepção da importância da preservação ambiental está presente em toda a fala dos entrevistados. Eles consideram-se responsáveis pela preservação da qualidade da água, tanto para uso próprio como para abastecimento publico. O discurso evidencia a preocupação com a pressão social e legal sobre os aspectos ambientais da produção, apontada especialmente pelos produtores moradores em área de proteção ambiental: “[...]nós aqui estamos na nascente do Rio Pilões, que abastece a capital, está envolvido ministério publico e a comunidade aqui tem responsabilidade com isso, de manter as águas.” Também se destaca a visão de que a atividade melhora e preserva o meio ambiente e a saúde dos consumidores, e a utilização de valores intangíveis como o marketing dos produtos, enfatizado na expressão chave: “Nós produzimos produtos efetivamente saudáveis, que não envenenam as pessoas”.

No que diz respeito aos aspectos sociais

relacionados à produção orgânica foram identificadas as seguintes expressões.

Os Produtos Orgânicos não são mais caros, mas tem custos mais elevados, por exemplo, a mão de obra é mais especializada (não pode ser um semianalfabeto e nem altamente especializado se não, não trabalha na terra). Eram dados os treinamentos de Boas Práticas, Alimento Seguro, que eram repassados aos funcionários, mas deixamos de fazer por causa dos custos, ou investimento sem retorno. Buscamos incentivos para que os jovens continuassem a estudar, por meio de bolsas de estudos oferecidas pelo Colégio Catarinense, à noite, para estudantes carentes da escola de Rationes. Olha gente é aquela história assim, eu graças a Deus não passo necessidade, a questão do dinheiro é aquilo que eu falei antes, plantando e sobrevivendo. Agora o outro lado eu tenho uma vida tranquila, eu vou lá eu planto não tem que usar mais máscara né, a família bem tranquila, não tem que estar passando veneno, então por esse lado eu tenho um sossego também. Agora a parte financeira é outra coisa, se eu passar para o outro lado (produção convencional) com certeza eu vou faturar bem mais. Quem trabalha com agricultura familiar, vai melhorar de vida, se saber produzir, saber trabalhar, vai ganhar na sua saúde, a sua propriedade e seu bem estar, você vai conseguir ter uma produção e alimentação saudável. Então meus filhos eles não pegaram essa fase do veneno, eles chegavam lá pegavam a verdura, lavavam e comiam. A comunidade ficou muito falada pelos orgânicos, e isso movimentou muito, isso espalha muito lá fora né, vem muita gente aqui comprar os produtos, a gente fica muito satisfeito, é uma propaganda boca a boca. É incrível, não existe mão de obra disponível

aqui. O que acontece é que ta diminuindo a produção porque não tem como contratar. A gente vende na feira e estamos mudando os hábitos dos clientes ou sugerindo, oferecemos para degustação. As pessoas que mais divulgam aqui, somos nós, a gente está divulgando, cliente que conhece, chama outro, ninguém conhecia há uns anos atrás.

DSC 3 - Verifica-se que os produtores consideram a agricultura orgânica uma atividade com custos elevados, principalmente de mão de obra, que deve ser mais qualificada quando comparada à produção convencional. Os entrevistados apontam a dificuldade de contratação de pessoal qualificado e que investem na formação de mão de obra, tanto para as atividades do negócio como na formação educacional. Um ponto destacado nas entrevistas é a sensação de tranquilidade e segurança das famílias envolvidas, por trabalharem com sistema de produção saudável, que não causam problemas de intoxicação aos produtores e consumidores, como apresentada na fala “[...] *eu tenho uma vida tranquila, vou lá eu planto não tem que usar mais máscara, a família bem tranquila, não tem que estar passando veneno, então por esse lado eu tenho um sossego também.*” O relacionamento com os consumidores é considerado ponto chave de sucesso na comercialização e ampliação do mercado. Assim os produtores investem também na mudança de hábitos dos consumidores por meio de informação atualizada sobre as qualidades nutritivas e funcionais dos produtos orgânicos. Utilizam a divulgação corpo a corpo com os clientes, bem como a degustação de produtos, como verificado na expressão “*A gente vende na feira e estamos mudando os hábitos dos clientes ou sugerindo, oferecemos para degustação*”.

Ao serem abordados sobre as questões

econômicas da sustentabilidade percebeu-se que as falas se concentraram em destacar as dificuldades relacionadas ao mercado de produtos orgânicos, como a seguir:

Tem um custo superior aos produtos convencionais, não tem como competir com o processo convencional. Outra coisa que encarece o produto final são os atravessadores, que por se tratar de um produto com maior valor agregado, leva ao atravessador elevar seu preço final. Também demanda investimentos, principalmente reinvestimentos no próprio cultivo ou alternância de cultivos, em novas técnicas, em novas culturas, etc. Se houvessem incentivos, eles ajudariam a reduzir os custos. O problema meu é a venda, essa é que tá complicada, e o que eu tô sentindo assim que os vizinhos que correram (abandonaram a produção de orgânicos), eles estão... vendendo o produto mais caro do outro tipo do que eu que tô vendendo o orgânico. E hoje é o Recanto que pega a minha mercadoria, e o negócio tá devagar, eu não sei se é porque aumentou muito o orgânico, ou o que tá ocorrendo eu não sei. A produção orgânica no mercado existe uma barreira, vamos dizer assim, na parte da embalagem, hoje está sendo exigido muito no orgânico, e o produto convencional deveria ser mais fiscalizado, pois o convencional tem mais problemas [...], muitos produtores tem parado por causa disso, eles estão castigando muito o produtor orgânico.

Nós temos que provar como foi produzido e o convencional não precisa de nada, eu acho que um ponto muito forte nisso. A gente vê assim [...], o mercado quer tudo embalado e com selo orgânico e o consumidor da ponta acha que tá pagando muito. O orgânico hoje,

para ser viável, você não pode entregar para um intermediário, porque aí você vai ganhar muito pouco, centavos e não vai ser viável economicamente. [...] você tem que estar próximo a um centro consumidor e você tem que fazer publicidade, passar informação, não adianta só plantar, além de plantar o produto, tem que fazer outra coisa, tem que beneficiar o produto, ou em conservas e doces.

DSC 4 – Por meio dos discursos pode-se constatar que o produtor orgânico considera de certa forma injustas as atuais exigências e regulamentações do mercado de produtos orgânicos, quando comparadas ao de produtos convencionais. Tais exigências se apresentam na necessidade de processo de certificação da cadeia produtiva, na padronização de rótulos e embalagens, na qualificação da mão de obra, entre outros, que repercutem no aumento de custos. Os entrevistados consideram estas exigências importantes para a qualidade dos orgânicos, porém apontam que o mercado não apresenta as mesmas exigências para os produtos convencionais, possibilitando que esses concorram com menores custos. A venda direta ao consumidor é considerada a forma que proporciona melhor rentabilidade e fidelidade, aumentando a sustentabilidade econômica da atividade. Identificou-se na relação comercial entre um produtor e sua organização fragilidades e desgastes devido ao reduzido volume de vendas de seus produtos, demonstrando na sua fala um descontentamento com os resultados econômicos da atividade. Assim, tiveram destaque no discurso dos produtores, as excessivas exigências do mercado de produtos orgânicos, o que é considerado por eles o mais importante fator desmotivador para que produtores permanecessem na atividade. Assim diz o entrevistado: *A produção orgânica no mercado existe uma barreira, vamos*

dizer assim, na parte da embalagem, hoje ta sendo exigido muito no orgânico, e o produto convencional deveria ser mais fiscalizado, pois o convencional tem mais problemas [...], muitos produtores tem parado por causa disso, eles estão castigando muito o produtor orgânico.

Quando buscamos captar as ideias dos produtores sobre sustentabilidade, obtivemos interessantes visões sobre este substantivo de significação tão ampla e abrangente. Percebemos que sustentabilidade está associada à ideia de viver bem, bem estar, saúde, tranquilidade e harmonia.

Sustentabilidade pra mim, sempre foi preservar a água e usar a água, preservar o solo e usar o solo, preservar um bom alimento e usar o alimento. É organizar o plantio para ajudar as pessoas. Não pensar só no dia de hoje, pensar mais a médio e longo prazo. Sustentabilidade dentro da produção de orgânicos seria a solução na produção de alimentos, se houvesse incentivo.

Sustentabilidade é você viver bem, criar o seu ambiente familiar, tem que estar bem. Quando a pessoa chega num local e diz lá está tudo errado, está contaminando, então o bom é não ter essa preocupação. Não adianta nada entrar no modismo, essas coisas e não ter um ambiente saudável. Temos que melhorar cada vez mais as condições, diminuir a poluição e melhorar a alimentação e a saúde. O que eu percebo é que as leis ambientais que tão botando aqui não está resolvendo o problema de quem está produzindo, está uma barra bem pesada pro lado do agricultor. Eu acho assim, que hoje “eles” teriam que fazer um trabalho pra aguentar o agricultor no campo, ah, não pode usar o veneno, vamos ver como é que pode trabalhar, então pelo menos vamos garantir a

venda desse orgânico pra frente. Assim, a gente garantia que não houvesse impacto ambiental aqui dentro da APA, mas que o agricultor também pudesse ter (construir) uma boa casa. Ai você acha que eu vou lutar pro meu filho ficar na lavoura, passar o que eu estou passando, o que meu pai passou? Meu filho quer estudar para engenheiro ambiental. Quando entramos naquela nossa propriedade lá não desmatamos nada, utilizamos as áreas de pastagem que já eram usadas, estavam degradadas e começamos a melhorar estas áreas... Este trabalho nos permitiu ter condições de ambiente para a produção orgânica e também de mostrar para nossos clientes que produzimos de forma sustentável. Plantamos muitas frutas e inclusive protegemos as nascentes, enriquecendo com outras espécies.

DSC 5 – Observa-se que os produtores têm uma percepção simples e prática da sustentabilidade, traduzindo-a em viver com tranquilidade e proporcionar bem estar à família, e no âmbito da produção orgânica ter boas condições para trabalhar, produzir e comercializar. Ao mesmo tempo, apontam as dificuldades enfrentadas devido às cobranças e falta de apoio de órgãos ambientais e instituições públicas, como visto na expressão: “O que eu percebo é que as leis ambientais que estão botando aqui não está resolvendo o problema de quem está produzindo, está uma barra bem pesada pro lado do agricultor.” Consideram importante e compartilham com os consumidores sua visão de sustentabilidade, por meio de conversas onde informam detalhes da sua produção e da propriedade tendo, em muitos casos, os recebido em visita a sua propriedade nos finais de semana. Todo o grupo entrevistado apresenta forte compromisso com a preservação ambiental, seja

pela necessidade imposta pelo processo de certificação da cadeia de produção de orgânicos ou por opção de vida, feita antes mesmo do início da atividade. No discurso de pelo menos um dos entrevistados, que enfrenta dificuldades de comercialização de seus produtos e de atuar diretamente no mercado, ficou evidente o descontentamento, declarando que não estimula o único filho a continuar na atividade.

Considerações finais

A forma como produtores orgânicos percebem e incorporam os aspectos ambientais, sociais e econômicos da sustentabilidade em seus processos produtivos e em seus produtos tende a se tornar um fator importante na conquista de consumidores, que além de terem ascendido a um maior patamar de renda na última década, apresentam um crescente nível de informação e exigência. O atendimento dessas expectativas representa assim o aspecto que garantirá a sua própria sustentabilidade na atividade.

Através do DSC pôde-se identificar que as três dimensões da sustentabilidade aqui tratadas fazem parte das preocupações do dia a dia dos produtores orgânicos. A associação direta do termo sustentabilidade à dimensão ambiental predominante nos discursos é resultado do processo sistemático de regulação da atividade de produção, para atendimento de exigências do mercado de orgânicos. Observa-se também considerável importância dada aos aspectos como tranquilidade e bem estar da família, especialmente no tocante a saúde de seus membros. Este aspecto se apresenta em diversas expressões chave, para alguns tem origem em um ideal de vida, para outros na percepção de risco vivenciado pelo uso de agrotóxicos no passado.

O relacionamento face a face e sistemático com consumidores, buscando certa fidelização, foi ponto destacado no DSC como sendo fator de

sucesso na atividade. Entre as formas de aproximação utilizadas pelos produtores com seus clientes se destacam a oferta de produtos para degustação, a disponibilidade para visitas às suas propriedades, o repasse de informações sobre as qualidades nutritivas e funcionais dos produtos.

Evidencia-se o entendimento de que falta apoio do poder público aos produtores orgânicos, principalmente para organizar o setor e criar canais específicos de comercialização. Sob essa perspectiva, novas iniciativas construídas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ministério da Educação e Ministério do Desenvolvimento Social estão instituindo, através da merenda escolar, a alimentação orgânica nas redes públicas estaduais, oriunda preferencialmente da agricultura familiar. A iniciativa, entre muitos aspectos positivos, deverá desenvolver a conscientização não somente dos alunos consumidores, como também das comunidades a que pertencem, sobre aspectos sociais, econômicos e ambientais da produção orgânica, sendo assim importante fator de sustentabilidade da atividade.

No que diz respeito à atuação das instituições e a legislação que regulamenta o setor, a percepção apresentada pelos produtores é de relativa injustiça, visto que o nível de exigência presente na cadeia dos orgânicos é maior quando comparado ao dos produtos convencionais. Estes produtos, no discurso dos entrevistados, deveriam também sofrer fiscalização sistemática, por apresentarem, com frequência, resíduos químicos diversos, entre os quais de produtos agrotóxicos.

A pesquisa evidenciou a importância da aplicação da técnica do DSC, pois ao adquirir a forma de um painel de discursos, reflete o que se pode pensar, em um dado contexto sociocultural, em uma dada coletividade, sobre um determinado assunto. Assim, embora tal metodologia seja ainda pouco utilizada nas investigações científicas no contexto rural, mostra-se promissora por oferecer

maior profundidade de análise da realidade em contextos complexos e com forte influência sociocultural, como é o espaço rural.

Notas

1 IFOAM – International Federation of Organic Agriculture Movements

2 A biodinâmica é uma modalidade de manejo agrícola fundamentado nos princípios da Antroposofia. A Antroposofia, do grego "conhecimento do ser humano", introduzida no início do século XX pelo austríaco Rudolf Steiner, pode ser caracterizada como um método de conhecimento da natureza do ser humano e do universo, que amplia o conhecimento obtido pelo método científico convencional, bem como a sua aplicação em praticamente todas as áreas da vida humana. Fonte: home page da sociedade antroposófica (www.sab.org.br).

3 PAA – Programa de Aquisição de Alimentos (Ministério de Des. Social e Ministério do Desenvolvimento Agrário). PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar (Ministério da Educação).

Referências Bibliográficas

- ABREU, L. S. et al. Desenvolvimento e situação atual da agricultura de base ecológica no Brasil e no Estado de São Paulo. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 26, n. 1/3, p. 149-178, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/11040>>. Acesso em abril/2014.
- BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. **Lei Nº 10831, de 23 de dezembro de 2003, Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências**. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Desenvolvimento_Sustentavel/Organicos/Legislacao/Nacional/Lei_n_010_831_de_23-12-2003.pdf>. Acesso em ago/2013.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e

Abastecimento. Secretaria de Política Agrícola. **Cadeia produtiva de produtos orgânicos**. Brasília: MAPA/SPA, 2007. Disponível em: <http://www.ibraf.org.br/x_files/Documentos/Cadeia_Produtiva_de_Produtos_Org%C3%A2nicos_S%C3%A9rie_Agroneg%C3%B3cios_MAPA.pdf>. Acesso em maio/2014.

- BORGUINI, R. G.; TORRES, E. A. Alimentos orgânicos: Qualidade nutritiva e segurança do alimento. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 64-75, 2006. Disponível em: <<http://www.ciorganico.agr.br/wp-content/uploads/2012/10/12-Alimentos-organicos-qualidade-nutritiva-e-seguran%C3%A7a-do-alimento-.pdf>> Acesso em maio/2014.
- CAMPANHOLA, C.; VALARINI, P. J. A. A Agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 18, n.3, p. 69-101, 2001. Disponível em: <<http://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/8851>>. Acesso em: 22/08/2013.
- CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 2.ed. Brasília, DF: MADA: SAF: DATER-IICA, 2007. 24p.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- DALRYMPLE, M. **The AIA Story American International Association for Economic and Social Development**. New York: [s.n.], 1968.
- DETONI, A.M. et al. Uva niágara rosada cultivada no sistema orgânico e armazenada em diferentes temperaturas. **Revista Ciência e Tecnologia de Alimentos**. v. 25, n.3, p.546-552, jul./set. 2005.
- EPAGRI. Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. **Produção orgânica na agricultura familiar de Santa Catarina**. Documentos nº 239, Florianópolis, 2012, 94p.
- ELKINGTON, J. Petroleum in the 21st century: the triple bottom line: implications for oil industry. **Oil & Gas**, v. 97, n. 50, dez. 1999.
- IFOAM - **Organic Farming Worldwide 2007: Overview & Main Statistics**. MINOU YUSSEFI, M.; WILLER, H., 2007. Disponível em: <http://orgprints.org/13163/>. Acesso em maio/2014.
- INSTITUTO CEPA/SC. **A agricultura orgânica**

**na região da Grande Florianópolis:
indicadores de desenvolvimento.**

(ALTMANN, R. e OLTRAMARI, A. C.- Elab.).
Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2004a.
Disponível em: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>.
Acesso em abril/2013.

INSTITUTO CEPA/SC. **Estudo da dinâmica da
comercialização de produtos orgânicos em
Santa Catarina.** (ZOLDAN, P. e KARAM, K. F.
- Elab.) Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2004b.
Disponível em: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/> .
Acesso em março/2013.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O Discurso do
Sujeito Coletivo: uma nova abordagem
metodológica em pesquisa qualitativa.**
Caxias do Sul: Educus, 2000.

_____. **O discurso do sujeito coletivo:
um novo enfoque em pesquisa qualitativa
(desdobramentos).** Caxias do Sul: Educus,
2005. 256 p.

_____. O Sujeito que fala. **Interface -
Comunicação, Saúde, Educação**, v.10, n.20,
p.517- 24, jul/dez 2006.

LEFÈVRE, A. M. C. et al. Assistência pública à
saúde no Brasil: estudo de seis ancoragens.
Saúde e Sociedade, v.11, n.2, 2002. p. 35-47.

NASCIMENTO, K. O. et al. A importância do
estímulo à certificação de produtos orgânicos.
Acta Tecnológica, v. 7, n 2, p 55 – 64, 2012.
Disponível em:
[http://portaldeperiodicos.ifma.edu.br/portaldeperi
odicos/index.php/actatecnologica/article/view/85](http://portaldeperiodicos.ifma.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/actatecnologica/article/view/85)
. Acesso em maio/2014.

OLINGER, G. **Ascensão e decadência da
extensão rural do Brasil.** Florianópolis: Epagri,
1996, 523 p.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introduction to
Qualitative Research Methods: a guidebook
and resource.** New York, NY, USA, pp. 24-43,
1997.